

TRADUÇÃO E LINGUAGEM INCLUSIVA: ANÁLISE COMPARATIVA DAS MARCAS DE GÊNERO PRESENTES EM RUMO AO FAROL DE VIRGINIA WOOLF.

TRANSLATION AND INCLUSIVE LANGUAGE: COMPARATIVE ANALYSIS OF GENDER MARKS IN TO THE LIGHTHOUSE BY VIRGINIA WOOLF.

Jéssica Soares Bezerra¹
Valéria Biondo²

1. Graduanda em Letras-Tradutor pela Universidade do Sagrado Coração (USC). E-mail: j.soares-bezerra@gmail.com

2, Profa. Ma. do Departamento de Letras e Artes da Universidade do Sagrado Coração (USC). E-mail: valeriabiondo@uol.com.br

BEZERRA, Jéssica Soares; BIONDO, Valéria. *Tradução e linguagem inclusiva: análise comparativa das marcas de Gênero presentes em Rumo ao Farol de Virginia Woolf*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

RESUMO

Introdução e Objetivo: este estudo baseia-se na obra *To The Lighthouse*, de Virginia Woolf, e sua tradução para o português brasileiro *Rumo ao Farol*; Através da análise comparativa interdisciplinar entre literatura, tradução e Gênero visamos compreender e verificar como as escolhas linguísticas funcionam como mecanismo de exclusão ou valorização do feminino na tradução. **Método:** os conceitos de Gênero e feminismo se apoiam nos estudos de Castro (2007) e de Jesus e Sacramento (2014). A breve biografia de Virginia Woolf baseia-se nos trabalhos de Chamone (2011), Miranda (2010) e Pedroso Júnior (2009). As diretrizes de tradução literária fundamentam-se em Bassnett (2003), Arrojo (1986), Araujo (2014) e Rodrigues (1998). Utilizamos os estudos de Aubert (1993), Barbosa (1990), Schäffer (2010) e Pfau (2012) para análise de linguagem inclusiva. **Resulta-**

Recebido em: 22/05/2017

Aceito em: 12/07/2017

dos: os resultados atentam para a falta de correlação entre Gênero e tradução como procedimento tradutório e como visibilidade do feminino no cânone literário. **Conclusão:** a tríplice correlação mostrou, ao fim deste trabalho, um instrumento crucial não só para aprimorar as técnicas de tradução, como também para viabilizar o discurso feminino no cânone literário. Fundamentar a prática interdisciplinar da tradução e de Gênero é também contribuir para o rompimento do ciclo de opressão social.

Palavras-chave: Tradução Literária. Gênero. Análise Comparativa. Virginia Woolf.

ABSTRACT

Introduction and Objective: this study is based on the novel *To The Lighthouse*, by Virginia Woolf, and its translation to the Brazilian Portuguese language. Through the interdisciplinary comparative analysis between literature, translation, and Gender we aim to understand and verify how linguistic perspective could act as a mechanism of feminine exclusion or visibility in translation. **Method:** Theories of Gender and feminism are based on the studies by Castro (2007), and Jesus e Sacramento (2014). The brief biography of Virginia Woolf is based on work by Chamone (2011), Miranda (2010), and Pedroso Júnior (2009). Literary translation theories are based on Bassnett (2003), Arrojo (1986), Araujo (2014), and Rodrigues (1998). We used the studies by Aubert (1993), Barbosa (1990), Schäffer (2010) e Pfau (2012) for the inclusive language analysis. **Results:** the results present the lack of correlation between Gender and translation as translation procedures, as well as the feminine visibility in the literary canon. **Conclusion:** the triple correlation showed, at the end of this work, a crucial instrument not only to improve translation techniques, but also to enable female discourse in the literary canon. Relying on the interdisciplinary practice of translation and gender is also to contribute to breaking the cycle of social oppression.

Keywords: Literary Translation. Gender. Comparative Analysis. Virginia Woolf.

Guijarro, Maria Elza Campos; Antoniassi, Beatriz. *A Popularização da ciência e tecnologia em feiras de ciências de escolas de ensino fundamental*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

Guijarro, Maria Elza Campos; Antoniassi, Beatriz. *A Popularização da ciência e tecnologia em feiras de ciências de escolas de ensino fundamental*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

INTRODUÇÃO

Através deste artigo, baseado na obra *To The Lighthouse* de Virginia Woolf, temos como propósito compreender as marcas de Gênero através da análise comparativa da obra original e sua tradução, intitulada *Rumo ao Farol*, para verificar como as escolhas linguísticas e os fatores culturais tiveram importância para dar voz ao feminino na tradução da literatura woolfiana e, conseqüentemente, na contribuição para as traduções feministas, as quais encontraram nas práticas tradutórias uma “nova forma de usar a língua [que] deveria desconstruí-la e reconstruí-la [...]” (CASTRO, 2007, p. 53). Entende-se como linguagem inclusiva, portanto, a preocupação em visibilizar o Gênero por meio das práticas tradutórias (SCHÄFFER, 2010). Para isso, serão selecionados trechos de maior carga semântica voltada à questão de Gênero.

Interessamo-nos pela obra de Virginia Woolf a partir dos estudos feitos pela disciplina de Introdução às Literaturas de Língua Inglesa, ministrada no quarto semestre do curso. É notável como o uso da linguagem escrita não serviu apenas como sua forma de emancipação profissional, mas também foi seu mecanismo de voz e objeto de luta contra as opressões, pois Woolf

[...] foi uma escritora que sem dúvida ocupou um papel importante dentro da literatura moderna, mas também buscou encontrar sua escrita, sua voz. Essa pareceu ser uma inquietude que a acompanhou por toda a vida” (CHAMONE, 2011, p.15).

Por muitos anos, a tradução foi considerada inferior em relação ao texto original, tal qual o papel da mulher na sociedade e na literatura, como evidenciam as vozes femininas em *To The Lighthouse*. Partindo-se do pressuposto de que isso não procede, este trabalho contribui com a necessidade de desmistificar a inferioridade da tradução em relação ao original; colabora com as pesquisas sobre Gênero e tradução, visto que são áreas pouco difundidas e correlacionadas; possibilita novas perspectivas de estudo sobre a obra de Virginia Woolf traduzida para a Língua Portuguesa; viabiliza o aprofundamento analítico dos aspectos envolvidos no processo tradutório diante da perspectiva de Gênero e corrobora a importância das categorias de Gênero e os mecanismos através dos quais o feminino é excluído ou valorizado dentro de uma tradução. Sendo assim, notamos a importância do levantamento dessas questões dentro desta área acadêmica.

Ambas as áreas aparecem em forte ascensão no cenário mundial e mais recentemente no cenário brasileiro e mostram a urgência do diálogo e de discussões mais aprofundadas no âmbito acadêmico, ao passo que tanto os Estudos de Gênero como os Estudos da Tradução são estudos interdisciplinares. Essas questões emergem fortes marcas culturais, de relações de poder, de teorias do discurso e da tradução. (PFAU, 2012, p.56).

Utilizamos a obra original de Woolf, publicada primeiramente em 1996 pela editora Penguin, e sua tradução feita por Luiza Lobo. Estabelecemos uma linha interdisciplinar entre literatura, tradução e Gênero. Para interpretação da problemática dos conceitos de Gênero e feminismo, utilizamos os estudos de Castro (2007), e a análise histórica realizada por Jesus e Sacramento (2014). Os registros biográficos de Virginia Woolf foram pautados nos trabalhos de Chamone (2011), Miranda (2010) e Pedroso Júnior (2009). Como referencial para as teorias de tradução literária em relação à função social da mulher utilizamos os estudos de Bassnett (2003), Arrojo (1986), Araujo (2014) e Rodrigues (1998). Para análise de linguagem inclusiva foram utilizados os estudos de Aubert (1993), Barbosa (1990), Schäffer (2010) e Pfau (2012).

Estabelecemos uma pesquisa de cunho bibliográfico qualitativo com tríplice relação entre Gênero, literatura e tradução. De início, apresentamos a breve contextualização biográfica de Virginia Woolf para determinar o cenário sociocultural de suas produções escritas. Em seguida, levantamos discussões acerca dos conceitos de Gênero e feminismo contemporâneos ao momento de produção de *To The Lighthouse*. Logo após, estabelecemos correlação entre o feminino e as traduções literárias. Por fim, na análise comparativa, utilizamos de excertos extraídos da obra em questão, para compararmos os conceitos de Gênero presentes nas escolhas linguísticas utilizadas no texto original e na tradução. Seleccionamos, respectivamente, as primeiras edições tanto da obra original quanto da obra traduzida.

BIOGRAFIA DE VIRGINIA WOOLF

Considerada umas das maiores escritoras do século 20, Virginia viveu entre 1882 e 1941 na Inglaterra, no auge do modelo cultural tradicionalista vitoriano, da consolidação da sociedade burguesa, do pós-guerra, do racionalismo e do estruturalismo filosófico.

Segundo Chamone (2011, p.15):

Guijarro, Maria Elza Campos; Antoniassi, Beatriz. *A Popularização da ciência e tecnologia em feiras de ciências de escolas de ensino fundamental*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

Guijarro, Maria Elza Campos; Antoniassi, Beatriz. *A Popularização da ciência e tecnologia em feiras de ciências de escolas de ensino fundamental*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

Sua inserção no mundo literário, enquanto mulher vinda de uma família de intelectuais que a educaram de acordo com os valores vitorianos, já trazia em si uma questão polêmica, além do mais Woolf se interessou por causas sociais do seu tempo, como papel da mulher naquela sociedade, trazendo discussões relevantes para sua época.

Antes de casar-se com Leonard Woolf em 1912, Virginia era conhecida como Adeline Virginia Stephen. Manteve um casamento assexual – ambos possuíam orientação homossexual –, o que não os impediu de construir uma relação de profunda união e companheirismo mútuos.

Conhecia-o há tanto tempo, e desejava casar-se com um homem cuja inteligência pudesse respeitar; e, como a ela mesma faltasse qualquer paixão sexual, provavelmente não a perturbava a ideia de que a união nunca seria consumada. (MIRANDA, 2010, p. 270).

Juntos, fundaram a editora Hogarth Press em Londres que publicou obras de T.S. Eliot, Katherine Mansfield, Fiódor Dostoiévski, Sigmund Freud, Jacques Lacan entre muitos outros grandes nomes. Uma das paixões femininas de Virginia, Vita West, foi inspiração para compor sua obra *Orlando* (1928). “De todas as mulheres que amou só com Vita West ela conseguiu realizar o que se poderia chamar um caso amoroso, mas, ainda assim, de uma forma que fez entender à amante que ela se mantinha fora do sexo.” (MIRANDA, 2010, p. 272).

A casa de veraneio dos Ramsays em *To The Lighthouse*, sempre repleta e movimentada com a presença dos filhos e amigos da família, dialoga com a própria estrutura familiar da escritora, como assim descreve Miranda (2010, p. 266):

Ela era a terceira entre os filhos do segundo casamento de seus pais, Julia Princeps-Duckworth e Leslie Stephen. O pai tinha uma filha com retardo mental, Laura, de um primeiro casamento com Harriet Marian (Minnie), filha de Thackeray. Laura passou a vida recolhida em diversas instituições. A mãe, Julia Duckworth, tinha três filhos de um primeiro casamento com Herbert Duckworth: George, Stella e Gerald. Leslie Stephen e Julia teriam quatro filhos: Vanessa, Thoby, Virginia e Adrian. Virginia nasceu no dia 25 de janeiro de 1882, em Londres, na casa de Hyde Park Gate 22, onde passou a primeira infância em meio a muitos irmãos, tias e primos que vinham continuamente visitar a família.

Sua infância e adolescência foram marcadas por sucessivas perdas, desencadeando seus colapsos nervosos: momentos de profunda depressão e de tendências suicidas ao longo de sua vida. Per-

deu a mãe aos 13 anos e o pai, aos 22. Ainda de acordo com Miranda (2010, p.265):

[...] além da importância de Virginia Woolf na luta contra todos os preconceitos que, na virada do século, limitavam a atividade intelectual das mulheres, filhas da era vitoriana – é o precioso depoimento da experiência de seu próprio inconsciente a céu aberto: sua escrita traz a mais íntima descrição de seu sofrimento psíquico.

A perda da figura materna – à qual era ligada por uma relação extremamente intensa, quase que sagrada – lhe causou um abismo emocional muito grande e a produção da obra em questão teve importante cunho psicológico, pois somente com a conclusão de *To The Lighthouse* Woolf pode eliminar seu fantasma materno (PEDROSO JÚNIOR, 2009). A adolescência também foi marcada por possíveis abusos praticados pelos meio-irmãos, levando-a a um estado de frigidez sexual na vida adulta:

Já se sugeriu que isso se devia a traumas emocionais causados por seu meio-irmão George Duckworth que, segundo alegação de Virginia, adquiriu o hábito de acariciá-la de maneira extremamente íntima, senão grosseiramente indecente, quando ela era ainda adolescente. Também alegou que seu outro meio-irmão Gerald já a molestara do mesmo modo quando ela era ainda mais jovem (LEHMANN, 1975/1989, p.14 apud MIRANDA, 2010).

O acesso à educação formal restringia-se somente aos homens, uma vez que cabia à mulher ocupar-se com os afazeres domésticos, não excedendo os limites de mãe-esposa do lar, tal qual a Sra. Ramsay em *To The Lighthouse*. Porém, de família tradicional e burguesa, Virginia tinha a seu dispor uma vasta biblioteca e foi alfabetizada em casa pelo pai, o qual era o perfeito modelo da racionalidade intelectual da época. Desde então, tornou-se uma leitora compulsiva. Não demorou a despertar o interesse pela escrita que, mais tarde, reivindicaria “[...] também a valorização da mulher na sociedade, o reconhecimento da mulher para além do papel secundário que tradicionalmente ocupou” (CASTRO, 2007, p. 56).

Assumir-se escritora, portanto, transgrediu o conceito de liberdade pessoal e, de uma maneira mais vasta e complexa, pode-se considerar um ato de emancipação social, ao passo que, para ela, a libertação feminina só romperia as fronteiras domésticas do tradicionalismo vitoriano através da profissionalização; e intelectual, pois sua obra literária era fonte de vida e reflexo de seu sofrimento psíquico: “é o que me dá a minha proporção” (WOOLF, citada por

Guijarro, Maria Elza Campos; Antoniassi, Beatriz. *A Popularização da ciência e tecnologia em feiras de ciências de escolas de ensino fundamental*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

Guijarro, Maria Elza Campos; Antoniassi, Beatriz. *A Popularização da ciência e tecnologia em feiras de ciências de escolas de ensino fundamental*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

MIRANDA, 2010, p. 265).

Em 1904 formou-se em seu apartamento o Bloomsbury Group, grupo de amigos e intelectuais que se reuniam para discutir filosofia, política, artes, psicanálise e libertação sexual. Segundo Bell (1973 apud MIRANDA, 2010, p. 266): “Virginia era o centro das reuniões: sua vivacidade e as duras opiniões provocavam um turbilhão de ideias que regiam o grupo; no entanto, ela vivia em meio a um turbilhão bem particular”. Nomes como Clive Bell e Roger Fry, Lytton Strachey, E. M. Foster, Maynard Keynes, Leonard Woolf, Duncan Grant, T.S. Eliot eram membros e frequentadores ativos do grupo.

Sua luta interna contra a psicose maníaco-depressiva, contra a ausência da figura materna, contra as opressões sociais e as lembranças dos abusos que sofreu findou-se em 28 de março 1941, quando mergulhou eternamente no rio Ouse na Inglaterra, com os bolsos do seu casaco cheios de pedras. Woolf apenas despediu-se de Leonard e da irmã Vanessa através de cartas.

TEORIAS FEMINISTAS E DE GÊNERO

Considerando o período de vida de Woolf, é relevante estabelecermos a contextualização das correntes feministas através das teorias coexistentes a esta época para melhor compreendermos as influências socioculturais presentes em sua produção literária e, conseqüentemente, em sua vida particular, uma vez que para a autora, vida e obra estão em constante interseccionalidade.

Neste artigo, abordaremos as primeiras ondas feministas. O termo “ondas” sugere a movimentação e a pluralidade das teorias, seu caráter social e culturalmente dinâmico, tal qual *To The Lighthouse*, pois

[...] os pensamentos que transparecem no livro, pelo fluxo de consciência, relacionam-se com os movimentos do mar, com o quebrar das ondas, o que traz para o livro alguma musicalidade que acompanha as linhas do início ao fim, em meio às variações do presente e do tempo da consciência. (CHAMONE, 2011, p. 20).

Apesar do termo “Gênero” ter sido empregado somente por volta da década de 80, o questionamento sobre as funções, relações de poder, submissão e hierarquia social atrelados à subjugação da mulher serviram de base para teorias feministas fortemente inspira-

das nos ideais da americana Judith Butler e da francesa Simone de Beauvoir. Atualmente, o termo abrange um conceito muito amplo e significativo, mas neste trabalho abordaremos no que tange às atribuições sociais impostas às mulheres, conforme o feminismo das primeiras ondas.

O termo “gênero” é usado pelas feministas para expressar não somente as diferenças biológicas entre homens e mulheres, mas principalmente para se referir a características que tanto homens como mulheres adquirem e os papéis que assumem a partir do contexto sociocultural em que se inserem. As primeiras feministas usavam o termo para tratar, especificamente, das imposições sociais sobre a mulher (CASTRO, 2007, p. 51).

Jesus e Sacramento (2014, p.189) fizeram uma análise histórica do feminismo na qual foi possível identificar que as primeiras ondas foram motivadas pelos ideais de “igualdade, lealdade e fraternidade” da Revolução Francesa e almejavam estender às mulheres os direitos e garantias fundamentais como o sufrágio universal e a autonomia econômica, por exemplo.

Esta fase ainda possuía um discurso biológico limitado. “O gênero era visto como reflexo direto do sexo, ou seja, os sujeitos modelam suas identidades a partir da limitação do sexo biológico” (JESUS; SACRAMENTO, 2014 p.193), fundamentando-se nas teorias evolucionistas e no racionalismo estruturalista da época para justificar a supremacia masculina em detrimento do conceito de feminino e para determinar as funções sociais através da genitália, do corpo. Mais adiante, estabeleceram-se relações de imposição distintas entre o biológico e o social, como determina Lotbinère-Harwood, (1991, apud CASTRO, 2007, p. 52):

O sexo é biológico: os seres humanos e a maioria dos seres vivos são fisiologicamente fêmea ou macho. O gênero é socialmente construído: refere-se aos papéis sócio-sexuais, modos de se vestir, sistemas de valores e ordem simbólica aprendidos, impostos sobre os indivíduos pela cultura dominante de acordo com seu sexo de nascimento. [...] Contrariamente ao que o sistema social heterossexista nos teria feito crer, os papéis de gênero e comportamentos designados não são “naturais”.

O fato de Virginia Woolf assumir-se escritora e produzir arduamente sua obra num contexto padronizado cujo cânone literário utilizava-se da linguagem patriarcal como símbolo da razão, transpassa o limite de sua realização pessoal e torna-se um ato político de resistência, dando voz ao feminino através da escrita e superando a exclusão da prática discursiva, pois “a linguagem [era tida] como

Guijarro, Maria Elza Campos; Antoniassi, Beatriz. *A Popularização da ciência e tecnologia em feiras de ciências de escolas de ensino fundamental*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

Guijarro, Maria Elza Campos; Antoniassi, Beatriz. *A Popularização da ciência e tecnologia em feiras de ciências de escolas de ensino fundamental*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

elemento de formação dos estereótipos sobre o sujeito feminino. Os estereótipos, por sua vez, são legitimados pelas diferenças sexuais, tomando como referência o masculino” (JESUS; SACRAMENTO, 2014, p. 189). Transcrever a linguagem feminina em sua obra foi um ato desafiador, pois “a língua é um dos espaços mais importantes de subordinação da mulher pelo homem” (CASTRO, 2007, p. 52).

Jesus e Sacramento (2014, p. 196) ainda afirmam que a construção do conceito de Gênero como imposição social se consolidou apenas entre as décadas de 1960 e 1970 com a colaboração de Derrida e Foucault, que propunham a desconstrução do logocentrismo ocidental pautado num binarismo estático e que a criação das primeiras teorias foi o viés para a evolução dos conceitos de acordo com as mudanças sociais, adequando-se à cultura na qual estavam inseridas:

Nesse período, a teoria feminista ganha grande contribuição, já que filósofos e teóricos, como Jacques Derrida (1972), Michael Foucault (1992), dentre outros, formularam teorias, as quais põem em xeque a visão dicotômica empregada sobre os conceitos modernos, que ocasionam o encerramento, o esvaziamento e a tomada dessas como verdades absolutas.

Com base na contemporaneidade histórica, Pfau (2012) traça uma aproximação da tradução com as problematizações sociais:

Durante a década de 70, ao mesmo tempo em que a disciplina de Estudos de Tradução estava se desenvolvendo, paralelamente acontecia o desenvolvimento das teorias feministas, ainda que as duas áreas tenham permanecido separadas até pouco tempo atrás (p.57).

TRADUÇÃO LITERÁRIA E A FUNÇÃO SOCIAL DA MULHER

A aquisição das competências tradutórias, fortemente debatidas entre os profissionais da área, exige habilidades para além do bilinguismo e utiliza-se da conjunção equilibrada entre teoria e prática para a realização eficaz das atividades em tradução.

[...] dadas as diferenças estruturais dos idiomas envolvidos, o tradutor precisa, muitas vezes, recriar o texto para provocar no leitor da cultura alvo efeitos semelhantes aos causados no leitor da cultura fonte. Não nos esqueçamos de que o público alvo da tradução precisa dela para ter acesso a algo produzido numa língua que ele não domina. Por isso, ao longo do processo tradutório, serão empregadas todas as estratégias necessárias para possibilitar esse acesso (ARAÚJO, 2014, p. 160).

Portanto, não se trata apenas de conceitos gerais, mas com complexidade filtrada e determinada de acordo com a tipologia textual em questão, como é o caso da tradução literária.

Mas o que levaria um texto a ser literário? Existe um elemento central que atribuiria carga literária a um texto? Certamente não há uma única resposta para tais questionamentos, mas Araújo (2014) elucida satisfatoriamente a carga literária atribuída a um texto, relacionando-o à Arte e valorizando sua estética peculiar:

Em linhas gerais, então, o texto literário poderia ser definido como sendo aquele cuja função transcende a de comunicar, tendo em vista que se ocupa também da forma que veicula aquele conteúdo de natureza artística. Em suma, o texto literário, a exemplo de uma escultura ou de uma tela a óleo, por exemplo, constitui-se num objeto estético em si mesmo (p. 154).

Logo, o fator literário está intimamente atrelado ao fator socio-cultural e para compreendê-lo “em sua incessante busca pelo sentido, o tradutor é levado a uma extensa pesquisa dentro e fora do âmbito idiomático” (ARAÚJO, 2014, p. 153). Vejamos que os escritos filosóficos que remontam ao período clássico da Grécia e as obras modernistas do século 20 são todos considerados literatura, mesmo tratando-se de recortes ideológicos e tipologias textuais completamente diferentes (ARROJO, 1986, p. 30).

Assim, o comunitário é que determinará o literário, pois falar em literatura e, conseqüentemente em tradução literária, é falar sobre a expressão sociocultural de um determinado povo em determinada época, de suas fronteiras geopolíticas e de seus registros históricos. A tradução, por sua vez, atua como “[...] um dos elementos que moldaram as culturas, o que implica que não se pode conduzir o estudo da literatura comparada sem a tradução” (RODRIGUES, 1998, p. 105).

O fator literário, então, não pode ser estatisticamente definido, mas sim lido, pensado, interpretado e atribuído (ARROJO, 1986, p. 31). A estética da literatura traz traços singulares característicos do autor e da época da obra, sendo ela flexível, dinâmica, particular e criativa; ou seja, a realidade é traçada pela performance da tradução literária através de “símbolos [que] tornam-se necessários para recuperá-la, o que nos permite atribuir um valor informativo às estruturas dinâmicas da literatura” (BASSNETT, 2003, p. 104).

As especificidades textuais da literatura farão com que o tradutor encontre percalços peculiares – como o uso de figuras de linguagem, por exemplo. O profissional, então, deverá estabelecer soluções exclusivas deste gênero textual, pois “o tradutor de uma obra

Guijarro, Maria Elza Campos; Antoniassi, Beatriz. *A Popularização da ciência e tecnologia em feiras de ciências de escolas de ensino fundamental*. *Mimesis*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

Guijarro, Maria Elza Campos; Antoniassi, Beatriz. *A Popularização da ciência e tecnologia em feiras de ciências de escolas de ensino fundamental*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

literária – creio que muito mais do que o tradutor técnico –, depara-se com inúmeros obstáculos na hora de construir o veículo textual, digamos assim, para transportar a mensagem a ser traduzida”. (ARAÚJO, 2014, p. 155).

A marginalização da tradução literária em relação à tradução técnica, por exemplo, está em seu fator não-linear e subjetivo. Trata-se apenas de mais uma das várias áreas da prática tradutória que, como qualquer outra, traz consigo suas particularidades, pois “[...] em termos de competência, o que se espera dos tradutores de cada um dos tipos é diferente, sem qualquer julgamento qualitativo” (LEFEVERE, 1992, p. 106 apud RODRIGUES, 1998).

O estigma de marginalidade literária deve ser gradualmente quebrado para que o reconhecimento desta prática possa alavancar os estudos em tradução, bem como atestar as competências do profissional tradutor da área.

A incapacidade de muitos tradutores de entender que um texto literário é composto de uma série complexa de sistemas existentes em uma relação dialética com outras séries fora de seus limites tem frequentemente levado à ênfase em aspectos particulares de um texto em detrimento de outros (BASSNETT, 2003, p. 102).

Ainda sobre este ponto de vista, Rodrigues (1998, p. 107) fundamenta-se

na crítica à abordagem linguística da tradução que, ao evitar tratar da tradução de textos literários, teria criado a impressão de que os dois processos seriam distintos, um válido para a “tradução”, outro para a “tradução de literatura”, e que a competência de um tradutor de literatura seria fundamentalmente diferente da do tradutor de outros textos

Os papéis do tradutor e do leitor se entrelaçam no viés interpretativo, uma vez que o tradutor é primeiramente leitor que, por sua vez, atuará com tradutor do texto final, decodificando a escrita traduzida (BASSNETT, 2003, p. 104).

Não há, pois, um padrão cristalizado para as teorias e práticas da tradução literária e, mais precisamente em *To The Lighthouse*, deve-se levar em conta o fluxo de consciência como recurso estilístico woolfiano, as particularidades temporais e fragmentárias do modernismo do século 20, as influências da burguesia inglesa e a função social da mulher, uma vez que “cada época produz um tipo de significado que lhe é peculiar e deve manifestar-se em modelos literários e sociais” (BASSNETT, 2003, p. 104).

“Ao mesmo tempo que se vem mostrando crucial para o desenvolvimento epistemológico do homem, a tradução historicamente carrega o estigma de ser uma ‘atividade menor’ ” (ARAÚJO, 2014, p. 154), tal qual a mulher, que sempre teve um papel secundário e muito questionado pela sociedade, surgindo “[...] a constatação do emudecimento da mulher na linguagem, na história da literatura e nas ciências de modo geral” (CASTRO, 2007, p. 53).

A literatura passou a carregar consigo uma adjetivação pejorativa, a de “Literatura Feminina”, a qual servia para apontar a inferioridade e a desvalorização das produções feitas por mulheres, porém teve notável significância, pois, de acordo com Castro (2007, p. 53), escritoras como Woolf

[...] passaram a realizar um trabalho experimental em seus textos numa tentativa de criticar a língua(gem) patriarcal e criar uma nova forma de expressão na qual as mulheres, suas realidades, seus sentimentos e experiência pudessem ser manifestos.

As escritoras que, porventura, conquistaram algum prestígio por transgredir a normatividade social não tiveram aprovação imediata e foram fortemente criticadas, como foi o caso de Virginia Woolf, hoje reconhecida como uma das maiores escritoras modernistas. Entrelaçamos assim, a intertextualidade entre a inferioridade tradutória e de Gênero, pois “a grande maioria dos escritores e poetas que abordam a questão da tradução de textos literários considera que traduzir é destruir, é descaracterizar, é trivializar” (ARROJO, 1986, p. 25).

A destruição associada às práticas de tradução literária trata-se de uma interpretação primordialmente pautada na literalidade, sem considerar os valores semânticos. Posto isso, “a tradução é [vista como] uma atividade essencialmente inferior, porque falha em capturar a ‘alma’ ou o ‘espírito’ do texto literário ou poético” (ARROJO, 1986, p. 27). Em contraste ao exposto, a literalidade torna-se insatisfatória quando aplicada em traduções literárias.

O conceito de inferioridade excede o contexto linguístico e relaciona-se ao ser feminino através da “analogia que associa o papel secundário da mulher na sociedade ao trabalho derivativo da tradução. Ambas relegadas ‘à mesma posição de inferioridade discursiva’ ” (SIMON, 1996, apud CASTRO, 2007, p. 54).

Estabelecendo uma análise linguística vinculada às funções dos indivíduos em sociedade, é identificável a superioridade do texto original no seu caráter de produção, claramente associado à função

Guijarro, Maria Elza Campos; Antoniassi, Beatriz. *A Popularização da ciência e tecnologia em feiras de ciências de escolas de ensino fundamental*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

Guijarro, Maria Elza Campos; Antoniassi, Beatriz. *A Popularização da ciência e tecnologia em feiras de ciências de escolas de ensino fundamental*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

social masculina – que além de deter a produção trabalhista, é também o produtor da vida e de outros seres, ou seja, é sujeito ativo. Já a tradução secundariza-se, pois possui caráter reprodutivo, tal qual a mulher – que submetida ao seu papel, somente reproduz as funções designadas a ele, e assim também é vista como reprodutora de outra vida, classificando-se como objeto passivo. Temos, pois: original homem-pai em prevalência à tradução mulher-mãe. (CASTRO, 2007, p. 54-55).

Além da hierarquia de superioridade e inferioridade, há ainda a famosa metáfora *traduttore, tradittore*, que segundo Pagano (2006, apud ARAUJO, 2014, p. 157) “é responsável pelo descrédito que a profissão recebe em alguns círculos e, infelizmente, continua sendo confirmada por exemplos de trabalhos improvisados ou realizados por pessoas não qualificadas”, assim como os conceitos de (in)fideli-dade, claramente evidentes no âmbito das funções sociais:

Para *les belles infidèles* [as belas infiéis], a fidelidade é definida por um contrato implícito entre tradução (como mulher) e original (como marido, pai, ou autor). Entretanto, esses critérios diferenciados funcionam aqui como podem ter funcionado nos casamentos tradicionais: a mulher/tradu-ção “infidel” é publicamente julgada por crimes que o marido/original é por lei incapaz de cometer. Esse contrato, em suma, impossibilita que o origi-nal seja culpado de infidelidade. (CHAMBERLAIN, 1992, apud CASTRO, 2007, p. 55).

Diante desses conceitos, a análise sociocultural do processo tradutório aplicado em *To The Lighthouse*, a qual se articula como objeto de estudo deste trabalho, se faz necessária, pois

[...] o contexto em que se desenvolve tal atividade tradutória feminista é bastante amplo: ela pode ser considerada como um elemento, dentre vários outros, da luta político-ideológica do movimento feminista. Assim, essa atividade não pode ser analisada a partir de uma perspectiva meramente linguística mas, principalmente, a partir de uma perspectiva histórica e po-lítica. (CASTRO, 2007, p. 50).

ANÁLISE COMPARATIVA

Retiramos os excertos escolhidos para análise da obra *To the Lighthouse* e os contrastamos com sua tradução, intitulada *Rumo ao Farol*, visando identificar se as marcas de Gênero, tão presentes nas obras de Woolf, foram mantidas. Portanto, a linguagem inclusiva de Gênero torna-se fundamental, pois “it is only through existing in

the mode of translation, constant translation, that we stand a chance of producing a multicultural understanding of women or, indeed, of society²” (BUTLER, 2004, p.228 apud COSTA, 2012, p.52)¹. Os termos analisados em cada excerto permanecerão em negrito. A análise apoiou-se dos conceitos de Aubert (1993) e Barbosa (1990), para o que se refere ao ato tradutório; e de Schäffer (2010) e Pfau (2012) para problemática de Gênero .

Guijarro, Maria Elza Campos; Antoniassi, Beatriz. *A Popularização da ciência e tecnologia em feiras de ciências de escolas de ensino fundamental*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

Excerto 1

Este primeiro excerto foi retirado da primeira parte da obra, a mais longa e detalhada, intitulada *The Window*. TTL corresponde ao original *To The Lighthouse* e RAF à tradução *Rumo Ao Farol*. O trecho traz no fluxo de consciência da Sra. Ramsay algumas questões particulares e insolúveis. Ela segurava seu filho James pela mão:

TTL	(...) but more profoundly, she ruminated the other problem, of rich and poor, and the things she saw with her own eyes, weekly, daily , here or in London, when she visited this widow, or that struggling wife in person with a bag on her arm, and a note-book and pencil with which she wrote down in columns carefully ruled for the purpose wages and spendings, employment and unemploymnet, in the hope that thus she would cease to be a private woman whose charity was half a so to her own indignation, half a relief to her own curiosity, and become what with her untrained mind she greatly admired, an investigator, elucidating the social problem.	p.18
RAF	Preocupava-se particularmente com o problema dos ricos e dos pobres: as coisas que vira pessoalmente ali em Londres, quando visitava viúvas e esposas dedicadas , munida de uma bolsa, um caderno de notas e um lápis, apontando salários e despesas, emprego e desemprego, em colunas cuidadosamente dispostas para este fim, na esperança de assim deixar de ser uma mulher voltada apenas para si mesma, cuja caridade era em parte consolo para sua própria indignação, em parte um alívio para sua curiosidade - pretendendo tornar-se uma pesquisadora que explicasse o fenômeno social, coisa que, para seu espírito cultivado , era objeto de vívida admiração.	p.13

Aqui, é notória a omissão (BARBOSA, 1990, p.68) do trecho *with her own eyes, weekly, daily*, deixando de evidenciar a frequên-

2 “É somente através da existência em modo tradutório, de constante tradução, que nós temos a chance de produzir uma compreensão multicultural das mulheres ou, de fato, da sociedade.” (BUTLER, 2004, p. 228 apud COSTA, 2012, p.52, tradução nossa.)

Guijarro, Maria Elza Campos; Antoniassi, Beatriz. *A Popularização da ciência e tecnologia em feiras de ciências de escolas de ensino fundamental*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

cia com que a Sra. Ramsay empenhava-se em suas visitas. Tal recurso não tornou o trecho incompreensível, mas minimizou a ação da personagem que almejava exercer a filantropia em prol da justiça social, ato ignorado pelo racionalismo da época. Virginia Woolf aponta esposas e viúvas pobres como um grupo social minoritário e, além do recorte de Gênero, é identificável o recorte de classe, no qual “(...) as diferenças em [...] situações econômicas são muito importantes para o entendimento ou solidariedade entre as mulheres que fazem parte de grupos que lutam por causas diferentes” (FLOTOW, 1997, p. 86, apud PFAU, 2012, p.58).

Há outra dicotomia entre *struggling wife* x *esposas dedicadas*. De acordo com o *Cambridge Dictionary*, o adjetivo *struggling* remete à luta e ao esforço, aludindo à árdua tarefa em ser esposa naquele contexto. Já a palavra *dedicada* sugere, segundo os dicionários *Michaelis*, condição de servidão pautada em afeto e dedicação. O termo equivalente cria um antagonismo e, na tradução, a problemática do matrimônio foi amenizada. Outro contraste semântico ocorre entre *untrained mind*, que alude à falta de habilidade intelectual e epistemológica da Sra. Ramsay – pois análises científicas não eram fundamentadas por mulheres –; e *espírito cultivado* que designa algo erudito, culto. A expressão original, *untrained mind*, foi empregada propositalmente de modo a evidenciar a comum associação com a limitação da intelectualidade feminina. A capacidade criativa das mulheres era esmagada pelos preconceitos excludentes de Gênero e que imperavam frente ao racionalismo científico da época. A tradução para *espírito cultivado* inverte e emudece o sentido e os valores críticos sobre as marcas de Gênero levantadas por Woolf.

Excerto 2

Enquanto Lily pintava seu quadro, a Sra. Ramsay faz uma reflexão pessoal sobre o futuro da jovem:

TTL	With her little Chinese eyes and her puckered-up face, she would never marry; one could not take her painting very seriously ; she was an independent little creature, and Mrs. Ramsay liked her for it; so, remembering her promise, she bent her head.	p.29
RAF	Com seus pequenos olhos chineses e seu rosto enrugado, ela nunca se casaria; mas era uma criatura independente. A Sra. Ramsay gostava dela por isso, e assim, lembrando-se de sua promessa, inclinou a cabeça.	p.21

Outra omissão ocorreu no segundo excerto, dessa vez do trecho: *one could not take her painting very seriously*. As pinturas de Lily Briscoe, no decorrer do livro, são menosprezadas, tanto por personagens masculinos tal qual Charles Tansley, como por femininos, tal qual procedera a Sra. Ramsay nesse excerto. A própria Lily possui constante insegurança em relação à sua arte, “devido aos efeitos de sentido negativos provocados pela estereotipia. (SCHÄFFER, 2010, p.101)”, pois o reconhecimento artístico cabia apenas aos homens – a elas estava fadado apenas os deveres domésticos. A omissão desse trecho que reforça o estereótipo de inferioridade de Gênero enfraquece a crítica levantada por Virginia Woolf.

Guijarro, Maria Elza Campos; Antoniassi, Beatriz. *A Popularização da ciência e tecnologia em feiras de ciências de escolas de ensino fundamental*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

Excerto 3

O excerto abaixo faz parte do fluxo de consciência de Lily Briscoe ao tentar recriar minuciosamente a imagem majestosa da Sra. Ramsay, possuidora de um imenso esplendor o qual a jovem não sabia como classificar na grandeza da admiração que por ela sentia.

TTL	(...) there could be no disputing this: an unmarried woman (she lightly took her hand for a moment), an unmarried woman has missed the best of life.	pp. 77
RAF	(...) não se podia negá-lo: uma mulher solteira perdia o melhor da vida.	p. 55

É evidente que o recurso de omissão buscou evitar a repetição de *an unmarried woman*, porém além de retomar sua reflexão, o destaque consiste na recriação da própria Sra. Ramsay que atribuía às mulheres a primordialidade irrefutável do matrimônio e, vinculando a ele, o triunfo feminino. A omissão de (*she lightly took her hand for a moment*) em meio ao embate psicológico travado por Lily, cria um tênue afastamento entre elas, visto que a compaixão da Sra. Ramsay pela jovem, devido à falta de um homem, é representada pelo singelo toque de mãos entre elas. Sabemos, portanto, que a área de equilíbrio frente às exigências ao processo tradutório não são fixas e imutáveis e, de acordo com a aceitabilidade em relação a determinado foco analítico, podem tornar-se contraditórias (AUBERT, 1993).

Guijarro, Maria Elza Campos; Antoniassi, Beatriz. *A Popularização da ciência e tecnologia em feiras de ciências de escolas de ensino fundamental*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

Excerto 4

Agora, a Sra. Ramsay faz uma observação sobre a personagem Minta Doyle que estava na praia com Paul Rayley. Enquanto lia uma história para seu filho James, demonstra certa preocupação em relação aos modos da moça. Ela desejava que os jovens se casassem em breve.

TTL	Dear, dear, Mrs. Ramsay said to herself, how did they produce this incongruous daughter? this tomboy Minta, with a hole in her stocking?	p. 88
RAF	Meu Deus, meu Deus, disse consigo mesma, como puderam ter uma filha tão incongruente? Essa Minta desajeitada , com a meia furada?	p. 62

A palavra *desajeitada* foi empregada como o equivalente para *tomboy* que de acordo com o *Cambridge Dictionary*, refere-se a uma pessoa do sexo feminino que se veste e age de forma característica ao sexo masculino. Há, portanto, uma evidente exclusão de Gênero, pois Minta é descrita por Virginia como uma personagem que transgride os padrões de feminilidade performados pelas mulheres da época. De acordo com o dicionário *Michaelis*, *desajeitada* sugere uma pessoa deselegante, sem habilidade e desproporcional, insinuando que Minta é sim uma personagem incomum, mas sem aproximá-la do contexto de Gênero, o qual “(...) carrega [em si] diferenças culturais e a formulação dessas diferenças é expressa na língua” (PFAU, 2012, p. 58). O excerto seguinte reforça ainda mais a quebra de padrão causada por Minta.

Excerto 5

Ainda durante o passeio, Andrew, um dos filhos da Sra. Ramsay que acompanhava os jovens, atenta para a vestimenta da personagem:

TTTL	Minta, Andrew observed, was rather a good walker. She wore more sensible clothes than most women. She wore very short skirts and black knickerbockers .	pp.112
RRAF	Andrew observou como Minta andava rápido. Usava roupas mais sensatas que a maioria das mulheres: saias muito curtas ou calças knickers pretas .	pp. 80

O modelo de calça que Minta vestia foi mantido na tradução de forma literal (BARBOSA, 1990, p. 65). Trata-se de uma peça cujo comprimento não se estendia muito da altura do joelho, bastante usada por homens do século 20 para a prática de esportes como golfe. Esse não é um esporte muito popular no Brasil, portanto, o recurso tradutório da explicação ou da nota de rodapé, definidos por Barbosa (1990, p. 74) facilitaria o reconhecimento da peça pelo leitor e o aproximaria dos padrões ingleses conferidos ao Gênero à época. Ilustraria, também, que ao vestir calças, era atribuído à mulher um caráter de androginia. Andrew considera as vestimentas de Minta mais sensatas por fazer parte de um padrão socialmente pré-estabelecido, com o qual ele se identifica desde criança. É fato que para ele que a disparidade de Gênero é naturalmente aprendida e revela uma hierarquização do poder que

funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social; não é um objeto, uma coisa, mas uma relação (FOUCAULT; DELEUZE, 1998a, p.XIV apud SCHÄFFER, 2010, p. 97).

Guijarro, Maria Elza Campos; Antoniassi, Beatriz. *A Popularização da ciência e tecnologia em feiras de ciências de escolas de ensino fundamental*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

Excerto 6

Ao fim do passeio, Minta encontra-se desolada por ter perdido o broche que ganhara da avó entre os rochedos da praia. Paul estava próximo da jovem e, consolando-a, já idealizava a vida conjugal de ambos, diante do beijo que estabeleceu um possível vínculo de intimidade entre eles, como descreve o excerto abaixo:

TTL	(...) how they would retreat into solitude together, and walk on and on, he always leading her, and she pressing close to his side (as she did now)	p.118
RAF	(...) se refugiariam juntos na solidão e continuariam caminhando sempre, sempre em frente, ele sempre a conduzindo, ela se apoiando nele (como agora).	p. 83

A tradução salienta a posição de submissão, dependência e fragilidade designada às mulheres dentro das relações afetivas, como sugere o verbo *apoiar*, no dicionário *Michaelis*: prestar apoio, corroborar, encostar para ficar firme, fundar-se. Posto isto, a existência feminina só se fundamentaria socialmente ao submeter-se diante da figura masculina, que como uma ferramenta de sustentação, a tira da passividade de sua própria condição existencial como salvação. A ex-

Guijarro, Maria Elza Campos; Antoniassi, Beatriz. *A Popularização da ciência e tecnologia em feiras de ciências de escolas de ensino fundamental*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

pressão *pressing close* empregada no original, no entanto, exprime o conceito de premência, que segundo o *Cambridge Dictionary* é algo que causa pressão e tensão, mas que possui certa ânsia ou urgência para se fazer real. O equivalente escolhido na tradução se aproximou muito do conceito original, mas não em sua totalidade. Esta seria, portanto, uma das faces de impossibilidade tradutória que, segundo Aubert, “(...) dificilmente será possível assegurar ao ato tradutório um quadro temporal ‘ideal’, isto é, que permitisse atingir um índice qualitativo próximo a 100% (1993, p. 19)”. A seguir, temos como complemento de *pressing close* a expressão *to his side*, proferindo a ideia de estar ao lado, à sombra de, que contrapõe-se com *apoiar*, palavra utilizada na tradução. Ambas exprimem o papel secundário de Minta, ao lado de Paul, dentre a possível relação conjugal do casal - ela, a coadjuvante enquanto ele, o principal -, mas *estar ao lado de* não carrega em si a condição de dependência presente no ato de *apoiar-se* em algo. A existência feminina se faz em *pressing close to his side* sob tensão aflitiva e de modo independente, já em *se apoiando nele*, sugere passividade, necessidade e dependência. Há uma oposição de ideias entre original e tradução sobre como a condição existencial feminina se fundamenta a partir do masculino.

Excerto 7

O último excerto foi retirado da terceira parte, *O Farol*, no qual o Sr. Ramsay, acompanhado dos filhos Cam e James e do velho pescador Macalister, resolve seguir ao farol, viagem não consolidada há dez anos. O cenário se passa num pequeno barco em alto mar em que os dois jovens travaram um voto de silêncio para não sucumbirem à tirania do pai que, agora viúvo, não poupa em demonstrar aos outros seu sofrimento pessoal, rogando comiserção principalmente das mulheres. Possuía a íntima necessidade de sentir-se o centro das atenções. Nesse momento, ele ironiza a filha Cam por não saber a indicação exata dos pontos cardeais que localizavam a mansão da família no horizonte.

TTL	He thought, women are always like that; the vagueness of their minds is hopeless; it was a thing he had never been able to understand; but so it was. It had been so with her - his wife. They could not keep anything clearly fixed in their minds. But he had been wrong to be angry with her; moreover, did he not rather like this vagueness in women? It was part of their extraordinary charm.	p.245
RAF	Pensou: as mulheres são sempre assim; a falta de objetividade de suas mentes é incorrigível. Mas fizera mal em zangar-se com ela; além disso, não era verdade que ele gostava dessa falta de acuidade nas mulheres? Era parte de seu extraordinário encanto.	p.180

Guijarro, Maria Elza Campos; Antoniassi, Beatriz. *A Popularização da ciência e tecnologia em feiras de ciências de escolas de ensino fundamental*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

Cam responde apenas com um olhar de espanto e susto. O pai ri da suposta imbecilidade da filha, devido à sabedoria acadêmica limitada por exclusão de Gênero. A indignação sarcástica do Sr. Ramsay, filósofo dedicado, reflete a naturalização do conhecimento epistemológico masculino sobre a restrição intelectual imposta às mulheres. Cam não se cala somente pelo voto de silêncio, mas pela humilhação sofrida naquele momento. Pelo viés tradutório, observa-se a omissão de um grande trecho que fundamentaria ainda mais a subjugação feminina como ferramenta de opressão de Gênero, explicitada por Virginia Woolf no original: *it was a thing he had never been able to understand; but so it was. It had been so with her - his wife. They could not keep anything clearly fixed in their minds*. Aubert (1993, p. 51) defende que a omissão:

(...) quando ocorre em texto cultural, retira-lhe algo da substância, da consistência, ou, como se diz costumeiramente, “empobrece” o texto traduzido. É, talvez, nesse ponto, mais do que em qualquer outro, que se adentra a faixa de risco da intraduzibilidade prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz dos excertos analisados, concluímos que um recurso muito utilizado na tradução foi a omissão de trechos que, teoricamente, visam cortar do texto original elementos repetitivos ou desnecessários, mas podendo haver a transferência com explicação (BARBOSA, 1990). A princípio, as omissões não inviabilizaram a compreensão da obra, mas não se articularam como destaque das marcas de Gênero, pelo contrário, impediram a aproximação e o entendimento do seu principal questionamento. Assim, “(...) essas camadas de intervenções invisíveis são, de forma muito óbvia, cruciais para que o texto tenha acesso à tradução [inclusiva] (APTER, 2006,

Guijarro, Maria Elza Campos; Antoniassi, Beatriz. *A Popularização da ciência e tecnologia em feiras de ciências de escolas de ensino fundamental*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

apud COSTA, 2012)”. A assimetria do discurso de Gênero abordada por Woolf em *To The Lighthouse* atua como:

(...) uma ferramenta de luta para tornar público os apagamentos perpetrados por tal história, dirigida e contada pela voz patriarcal que sempre se manifestou em uníssono e buscou ocultar as vozes dissonantes; é o silêncio da mulher que se rompe pela possibilidade da tradução de gênero. (SCHÄFFER, 2010, p.106).

A exclusão deste discurso na tradução reforça os padrões de opressão e atenta para a falta da correlação dos estudos de Gênero e tradução. Outrossim, a tradução, tal qual a cultura, não deve se restringir a conceitos tradicionalmente estáticos, não é definitiva e deve considerar, de igual importância, fatores linguísticos, culturais, e de Gênero – que engloba elementos econômicos, sociais e políticos. No Brasil, segundo dados levantados por Schäffer (2010), a prática da tradução inclusiva de Gênero é pejorativamente estereotipada, carecendo de debate acadêmico, podendo induzir nuances de pessoalidade nas escolhas tradutórias, a fim de ocultar esse discurso:

A realidade é que algumas tradutoras [...] não se mostram confortáveis com o fato de virem a ser identificadas como “feministas”, seja pela postura adotada, seja por outras razões; seu dizer quanto ao assunto é permeado de certa resistência. (p. 94).

Por conseguinte, este trabalho colaborou para interdisciplinar a problemática da interpretação de Gênero na literatura e na tradução. A tríplice correlação mostrou, ao fim deste trabalho, um instrumento crucial não só para aprimorar as técnicas de tradução, como também para viabilizar o discurso feminino no cânone literário. Fundamentar a prática interdisciplinar da tradução e de Gênero é também contribuir para o rompimento do ciclo de opressão social.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L. B. A. F. de. Os percalços da tradução literária: a busca pelo sentido através e além da palavra. **Cadernos do CNFL**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 10, p. 153-167, 2014.

ARROJO, R. **Oficina de tradução**. 3 ed. São Paulo, SP: Editora Ática, 1986. 84 p.

AUBERT, F. H. **As (In)fidelidades da Tradução:** servidões e autonomia do tradutor. 1 Ed. Campinas, Sp.: Unicamp, 1993. 87 p.

BARBOSA, H. G. **Procedimentos técnicos da tradução:** Uma nova proposta. Campinas: Pontes, 1990.

BASSNETT, S. **Estudos de tradução:** fundamentos de uma disciplina. 2 ed. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. 242 p.

CAMBRIDGE Dictionary. **Cambridge.** Disponível em <http://dictionary.cambridge.org/dictionary/english>.

CASTRO, M. S. **Tradução ética e subversão:** desafios práticos e teóricos. 2007. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007.

CHAMONE, A. M. M. **A literatura de Virginia Woolf como itinerário de formação análise simbólica de Passeio ao Farol.** 2011. 34 f. (Relatório de Iniciação Científica) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2011.

COSTA, C. L. **Feminismo e Tradução Cultural:** Sobre a Colonialidade do Gênero e a Descolonização do Saber. P: PORTUGUESE CULTURAL STUDIES 4 Fall 2012 ISSN: 1874-6969. Disponível em www2.let.uu.nl/solis/psc/p/PVOLUMEFOUR/.../P4COMPLETE.pdf.

JESUS, M S., SACRAMENTO, S.M.P. A abordagem conferida ao sexo e gênero nas distintas ondas feministas. **Revista Café com Sociologia**, [S.L], v. 3, n. 3, p. 188-206, set./dez. 2014. Disponível em <http://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/issue/view/9/showToc>.

MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. **UOL.** Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>.

Guijarro, Maria Elza Campos; Antoniassi, Beatriz. *A Popularização da ciência e tecnologia em feiras de ciências de escolas de ensino fundamental.* Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

Guijarro, Maria Elza Campos; Antoniassi, Beatriz. *A Popularização da ciência e tecnologia em feiras de ciências de escolas de ensino fundamental*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 29-52, 2017.

MIRANDA, E. R. **Virginia Woolf**: entre sonhos. Trivium: estudos interdisciplinares, Universidade Veiga de Almeida, v. 2, n. 1, p. 265-275, jan./jun. 2010. Disponível em <http://www.uva.br/trivium/edicao2/artigos-tematicos/5-virginia-woolf-entre-sonhos.pdf>.

PEDROSO JUNIOR, N. C. **O diálogo entre as artes em Virginia Woolf**. Literatura, v. 24, p. 14-21, 2009.

PFAU, M. **Gênero e tradução**: questões culturais sobre a transmissão de conhecimento. Revista Criação & Crítica, n.8, p.56-64, abr.2012. Disponível em http://www.fflch.usp.br/dlm/criacaoecritica/dmdocuments/CC_N08_MPfau.pdf.

RODRIGUES, C. C. **Tradução e diferença**: uma proposta de desconstrução da noção de equivalência em Catford, Nida, Lefevere e Toury. 1998. 242 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 1998.

SCHÄFFER, A.M.M. **Sobre tradução feminista (ou de gênero?) no Brasil**: algumas considerações. Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores • No. 21, Ano 2010 • p. 93-111. Disponível em <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/traducom/article/view/1927>.

WOOLF, V. **Rumo ao Farol**. Trad. Luiza Lobo. São Paulo, SP: Folha de S. de Paulo, 2003.

_____. **To the lighthouse**. Harmondsworth: Penguin, 1996.

